

SAUL BELLOW

# As aventuras de Augie March

*Tradução*

Sonia Moreira

*Apresentação*

Christopher Hitchens



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © espólio de Saul Bellow, 1949, 1951, 1952, 1953  
Copyright renovado © espólio de Saul Bellow, 1977, 1979, 1980, 1981  
Copyright da apresentação © Christopher Hitchens

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The adventures of Augie March

*Capa*

Elisa v. Randow

*Foto de capa*

Fox Photos/ Getty Images

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Angela das Neves

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bellow, Saul

As aventuras de Augie March / Saul Bellow ; tradução Sonia Moreira.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : The adventures of Augie March.

ISBN 978-85-359-1523-5

1. Romance norte-americano I. Título.

09-07003

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# 1.

Sou americano, nascido em Chicago — Chicago, aquela cidade sombria —, e faço as coisas do jeito que aprendi sozinho a fazer, estilo livre. Então, vou fazer o registro ao meu modo: a primeira ideia que bater será também a primeira a entrar; às vezes uma batida inocente, outras nem tanto. Mas o caráter de um homem é seu destino, como diz Heráclito, e no fundo não há como disfarçar a natureza das batidas, nem fazendo um tratamento acústico na porta nem cobrindo o nó dos dedos com luva.

Todo mundo sabe que não existe precisão nem apuro na supressão; se você corta uma coisa, acaba amputando o que está ao lado.

Meus próprios pais não foram tão importantes assim para mim, embora eu gostasse da minha mãe. Era uma pessoa simplória, e o que aprendi com ela não foi o que ela me ensinou, mas algo mais na ordem dos exemplos concretos. Ela não tinha muito para ensinar, coitada. Meus irmãos e eu a amávamos. Falo pelos dois; no caso do mais velho, não há muito risco de erro; no caso do mais novo, Georgie, tenho de responder por ele — Georgie nasceu retardado —, mas não preciso adivinhar seus sentimentos, pois ele tinha uma musiquinha que costumava cantar enquanto corria de um lado para o outro, manquejando com seu trote rígido de retardado, ao longo da cerca de arame farpado do quintal:

*Georgie Machy, Augie, Simey*  
*Winnie Machy, tudo, tudo ama a mamãe.*

Ele tinha razão com relação a todos, menos Winnie, a poodle da vovó Lausch, uma cadela velha, gorda e ofegante. Minha mãe era tão criada de Winnie quanto era de vovó Lausch. Respirando ruidosamente e soltando gases a torto e a direito, a cadela passava os dias deitada numa almofada bordada com o desenho de um berbere apontando um rifle para um leão, ao lado do banco em que a velha apoiava os pés. Era exclusivamente de vovó, fazia parte do séquito dela; o resto de nós éramos os súditos, principalmente mamãe. Minha mãe entregava o prato de Winnie para a vovó, e a cadela recebia sua comida aos pés da velha, das mãos da velha. Esses pés e mãos eram pequenos; vovó usava meias de um tipo enrugado de malha nas pernas e seus chinelos eram cinza — ah, o cinza daquele feltro, um cinza despótico para almas — com laços de fita cor-de-rosa. Já mamãe tinha pés grandes e, dentro de casa, usava sapatos de homem, geralmente sem cadarço, e uma espécie de touca que mais parecia uma esdrúxula escultura de algodão em formato de cérebro. Ela era dócil e comprida e tinha olhos redondos como os de Georgie — ternos olhos verdes redondos e uma suave cor de vitalidade no rosto comprido. Tinha as mãos vermelhas de tanto trabalhar, só lhe restavam poucos dentes na boca — para receber as bordoadas que vinham — e usava os mesmos casacos de tricô desfiados que Simon. Além de ter olhos redondos, mamãe usava óculos redondos, obtidos em incursões ao dispensário da Harrison Street que eu fazia junto com ela. Ensaiado por vovó Lausch, eu ia para contar as mentiras. Sei agora que mentir não era tão necessário assim, mas na época todo mundo achava que era, principalmente vovó Lausch, que era um daqueles maquiavéis de subúrbio que tanto povoaram meus tempos de garoto. Então vovó, que preparava tudo antes de sairmos de casa e devia passar horas maquinando a coisa toda em pensamentos e frases, encolhida no seu quartinho gelado debaixo do edredom de pena, me passava as instruções no café da manhã. A ideia era que mamãe não tinha esperteza o bastante para fazer a coisa direito. A hipótese de que talvez não fosse preciso ser esperto não passava pela nossa cabeça; era uma disputa, afinal. O dispensário ia querer saber por que as instituições de caridade não pagavam pelos óculos. Então eu não podia falar nada sobre as instituições de caridade, mas apenas que o

dinheiro que meu pai mandava às vezes chegava e às vezes não, e que mamãe alugava quartos para hóspedes. Isso tudo era, de uma forma delicada e seletiva, ignorando e omitindo certos fatos importantes, verdade. Era verdadeiro o bastante para *eles* e, aos nove anos de idade, eu era capaz de entender isso perfeitamente. Melhor do que meu irmão Simon, que era franco demais para esse tipo de manobra e que, de qualquer forma, tinha adquirido nos livros umas noções de honra típicas de colegiais ingleses. Por muitos anos, *Tom Brown's Schooldays*\* teve uma influência lá em casa que nós não tínhamos condições de bancar.

Simon era um menino louro com maçãs do rosto salientes, grandes olhos cinzentos e braços de jogador de críquete — baseio-me em ilustrações; nunca jogávamos nada a não ser *softball*. Em contraste com seu estilo britânico, Simon nutria uma raiva patriótica contra o rei Jorge III. Na época, o prefeito havia ordenado ao conselho de educação que adotasse livros de história que retratassem o rei de forma mais dura, e Simon andava muito tiririca com o general Cornwallis.\*\* Eu admirava esse seu entusiasmo patriótico, sua extraordinária birra pessoal com o general e sua satisfação com a rendição de Cornwallis em Yorktown, satisfação essa que geralmente o acometia na hora do almoço, quando estávamos comendo nossos sanduíches de mortadela. Vovó comia um pedaço de galinha cozida ao meio-dia, e às vezes sobrava uma moela para o pequeno cabeça de piaçava do Georgie, que adorava moela e ficava soprando aquele troço engelhado mais para saborear e prolongar o momento do que para esfriar a carne. Mas esse orgulho bélico de legítimo filho da nação de Simon o desqualificava para a delicada tarefa a ser cumprida no dispensário; ele era cheio de brios demais para mentir e poderia acabar denunciando todo mundo. Já eu certamente daria conta do recado, porque gostava desse tipo de coisa. Adorava estratagemas. Eu também tinha entusiasmos; tinha os de Simon, embora nunca tenha achado Cornwallis grande

\* Romance de Thomas Hughes publicado em 1857 que se tornou um clássico da literatura infanto-juvenil vitoriana. (N. T.)

\*\* Charles Cornwallis (1738-1805) foi um dos principais comandantes militares britânicos a combaterem as forças revolucionárias norte-americanas durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos. Sua derrota, em 1781, em Yorktown, Virginia, quando ele acabou por se render ao exército revolucionário junto com a maior parte das tropas britânicas, costuma ser considerada o marco do fim da guerra, embora ainda tenham ocorrido conflitos menores ao longo dos dois anos seguintes. (N. T.)

coisa, e tinha também os de vovó Lausch. Quanto à veracidade dessas declarações que eu era instruído a fazer... bem, era verdade que nós tínhamos um hóspede. Vovó Lausch era nossa hóspede, não tinha absolutamente nenhuma relação de parentesco conosco. Era sustentada por dois filhos, um de Cincinnati e o outro de Racine, Wisconsin. As noras não a queriam por perto, e ela, que era viúva de um poderoso homem de negócios de Odessa — um sujeito careca, de fartas costeletas e nariz largo que pairava sobre nós feito uma divindade, fantasticamente blindado numa armadura feita de fraque e colete transpassado, hermeticamente abotoado (sua foto azulada, ampliada e retocada pelo sr. Lulov ficava pendurada na sala de visitas, duplicada entre as colunas de pórtico do espelho de corpo inteiro, a cúpula da estufa começando onde o tronco dele terminava) —, preferia morar conosco, já que estava acostumada havia tantos anos a dirigir uma casa, a comandar, a governar, a administrar, maquirar, arquitetar e intrigar em todas as suas línguas. Ela se gabava de falar francês e alemão, além de russo, polonês e iídiche; e quem senão o sr. Lulov, o artista do retoque da Division Street, poderia ter testado o francês que ela dizia falar? E ele era um farsante sereno também, aquele galante bebedor de chá de espinha rígida. Só que ele, uma época, havia sido motorista de táxi em Paris e, se estivesse dizendo a verdade com relação a isso, talvez soubesse francês entre outras coisas, como tocar música nos dentes com um lápis, cantar e marcar o ritmo com um punhado de moedas que ele chacoalhava arrastando o polegar na mesa de um lado para o outro, e jogar xadrez.

Vovó Lausch jogava como Tamerlão, fosse xadrez ou *klabyasch*:\* com hostilidade palatal felina e um brilho fulmíneo nos olhos. Ela jogava *klabyasch* com o sr. Kreindl, um vizinho nosso que havia lhe ensinado o jogo. Homem robusto, de mãos grossas e barriga avantajada, o sr. Kreindl batia na mesa com aquelas suas mãos poderosas, atirando suas cartas e bradando “*Shtoch! Yasch! Menél! Klabyasch!*”. Vovó olhava para ele com ar sardônico. Depois que ele ia embora, ela muitas vezes dizia: “Quem tem um amigo húngaro não precisa de inimigos”. Mas o sr. Kreindl não tinha nada de inimigo. Ele só parecia, às vezes, ameaçador por causa dos seus berros de sargento instrutor. Tinha servido como recruta no exército austro-húngaro nos velhos

\* Jogo de cartas para duas pessoas, de origem holandesa, mas particularmente popular na Hungria e em comunidades judaicas de diversas partes do mundo. (N. T.)

tempos e havia algo de soldadesco nele: um pescoço musculoso de tanto empurrar peças de artilharia, rosto vermelho de militar em campanha, mandíbula e dentes com coroa de ouro capazes de mordidas poderosas, olhos verdes e vesgos e cabelo curto e macio, totalmente napoleônico. Seus pés viravam para fora, conforme o ideal de Frederico, o Grande, mas ele tinha uns trinta centímetros a menos que a altura exigida para membros do corpo de guarda. E tinha um ar de independência imperioso. Ele, sua esposa — uma mulher reservada e recatada com os vizinhos e violentamente brigona dentro de casa — e o filho, um estudante de odontologia, moravam no que era chamado de subsolo inglês (o que queria dizer que as janelas do apartamento ficavam parcialmente acima do nível da rua), na frente da casa. O filho, Kotzie, trabalhava à noite na farmácia da esquina e estudava nos arredores do hospital municipal, e foi ele quem falou para vovó a respeito do dispensário. Ou melhor, a velha o chamou lá em casa e o incumbiu da tarefa de tentar descobrir o que se podia conseguir nas tais instituições estaduais e municipais. Ela vivia chamando gente lá em casa, o açougueiro, o merceiro, o quitandeiro, e os recebia na cozinha para explicar que os March tinham de receber descontos. Mamãe em geral tinha de ficar por perto. A velha dizia a eles: “O senhor está vendo a situação — eu preciso dizer mais alguma coisa? Não há homem na casa e há crianças para criar”. Esse era seu argumento mais frequente. Quando Lubin, o assistente social, vinha lá em casa e sentava na cozinha, folgado, careca, de óculos de aro dourado, peso confortavelmente distribuído na cadeira, boca paciente, ela disparava: “Como o senhor espera que essas crianças sejam criadas?”. Ele ouvia, tentando permanecer confortável, mas aos poucos ficando cada vez mais parecido com um homem determinado a não deixar que um gafanhoto escape da sua mão. “Bom, minha querida, a sra. March poderia aumentar o seu aluguel”, ele dizia. A velha deve ter respondido com frequência — pois havia vezes em que ela botava todos nós a correr para ficar sozinha com ele: “O senhor por acaso faz alguma ideia de como as coisas seriam sem mim? O senhor devia era me agradecer por manter essa família de pé”. Tenho certeza de que ela dizia até algo como “E quando eu morrer, senhor Lubin, o senhor vai ver o que tem nas mãos”. Estou cem por cento certo disso. Para nós, nunca se dizia nada que pudesse enfraquecer o domínio dela, ao insinuar que tal controle algum dia pudesse ter fim. Além disso, teria sido um choque para nós ouvir uma coisa dessas, e ela, que nos conhecia de

uma maneira sobrenatural, sendo capaz de acompanhar muito de perto nossos pensamentos — ela era uma soberana que sabia exatamente a proporção de amor, respeito e temor ao poder que havia em seus súditos —, tinha plena consciência do quanto ficaríamos chocados. Mas para Lubin, por razões estratégicas e também porque tinha de expressar sentimentos que certamente nutria, ela deve ter dito coisas desse tipo. Lubin tinha uma paciência torturada com ela, uma paciência de quem pensa “livrai-me de clientes assim”, embora tentasse parecer senhor da situação. Segurava seu chapéu-coco entre as coxas (seus ternos, sempre escassos de pano nas pernas, deixavam à mostra meias brancas e sapatos de bico largo, vincados, pretos, estufados de dedos) e ficava olhando para dentro dele como se estivesse debatendo consigo mesmo se deveria ou não soltar um pouquinho o gafanhoto no forro.

“Eu pago o máximo que a minha situação financeira permite”, ela dizia.

Tirando a cigarreira de baixo do xale, ela cortava um cigarro ao meio com a tesoura de costura e o botava na piteira. Essa era uma época em que as mulheres ainda não fumavam, salvo as que faziam parte da *intelligentsia* — o termo que ela usava para se definir. Com a piteira entre suas pequenas gengivas escuras, do meio das quais emanava toda a sua astúcia, virulência e autoridade, ela tinha suas melhores inspirações estratégicas. Era tão enrugada quanto uma sacola de papel velha, uma autocrata, intransigente e jesuítica, uma velha águia bolchevique sempre pronta a dar o bote, seus pezinhos cinza com laço de fita imóveis no misto de banco e caixa de engraxate que Simon tinha feito na aula de trabalhos manuais, com a encardida da Winnie, cujo mau cheiro empestava o apartamento inteiro, feito uma bola de pelo velha na almofada ao lado dela. Se sei que espirituosidade e insatisfação não andam necessariamente juntas, não foi com a velha que aprendi. Ela era uma pessoa impossível de agradar. Chamava Kreindl, por exemplo, que era alguém com quem podíamos contar, que carregava o carvão escada acima quando mamãe estava doente e que instruiu Kotzie a aviar nossas receitas de graça, de “aquele húngaro imprestável” ou “porco húngaro”. Kotzie era chamado de “maçã cozida”; a sra. Kreindl, de “megera enrustida”; Lubin, de “filho do sapateiro”; o dentista, de “açougueiro”; o açougueiro, de “salafrário receoso”. Ela odiava o dentista, que já havia por várias vezes tentado pôr-lhe uma dentadura postiça, sem sucesso. Ela o acusava de ter queimado suas gengivas quando estava tirando os moldes. Mas, também, ela ficava o tempo todo tentando arrancar



a mão dele de dentro da sua boca. Eu testemunhei a cena: o troncado e impassível dr. Wernick, cujos braços compactos seriam capazes de segurar um urso, cheio de cuidados com ela, determinado, preocupado com os gritos sufocados que a velha soltava, aguentando os arranhões que ela lhe dava. Vê-la lutando daquele jeito não era nada fácil para mim, e o dr. Wernick também lamentava que eu tivesse de presenciar tal coisa, eu sei; mas se não fosse eu seria Simon — um de nós sempre tinha de acompanhá-la onde quer que ela fosse. Ali, principalmente, ela precisava de alguém para testemunhar o quanto Wernick era cruel e desastrado, além de um ombro para se apoiar quando voltasse enfraquecida para casa. Aos dez anos, eu já era quase da altura dela e forte o bastante para amparar seu corpo leve.

“Você viu o jeito como ele bota aquelas patas na minha cara? Não dá nem para respirar”, ela dizia. “Deus fez aquele homem para ser açougueiro. Por que é que ele tinha que inventar de ser dentista? As mãos dele são pesadas demais. O toque é tudo para um dentista. Se as mãos dele não servem para esse tipo de coisa, ele devia ser proibido de exercer a profissão. Mas a mulher dele deu um duro danado para pagar seus estudos e fazer dele um dentista, e agora eu sou obrigada a me tratar com ele e ficar com a boca toda queimada por causa disso.”

O resto de nós tinha de ir ao dispensário — que era como a visão onírica de uma multidão de cadeiras de dentista, centenas delas num espaço tão gigantesco quanto um arsenal, cuspideiras verdes decoradas com uvas de vidro, brocas erguidas em zigue-zague feito pernas de inseto e chamas de gás nas bandejas giratórias de porcelana — num trecho soturno e barulhento da Harrison Street repleto de prédios municipais com fachada de pedra e de bondes vermelhos pesados, com grades de metal nas janelas e limpa-trilhos de ferro que mais pareciam barbichas monárquicas na frente e atrás. Os bondes ribombavam e retiniam, e os tanques de ar dos freios resfolegavam no marrom lamacento de uma tarde de inverno ou no marrom de pedra nua de uma tarde de verão, salpicados de fuligem, fumaça e terra, fazendo longas paradas nas clínicas para despejar coxos, aleijados, corcundas, gente de perna dura, gente de muleta, gente com problema nos dentes, gente com problema nos olhos e o resto todo.

Então, antes de ir ao dispensário com mamãe para pedir os óculos, eu era sempre instruído pela velha e tinha de ficar sentado ouvindo com extre-

ma atenção. Minha mãe também precisava estar presente, pois não podia haver nenhum deslize. Ela era treinada a não dizer nada. “Lembre-se, Rebeca”, vovó repetia vezes sem conta, “deixe que ele responda tudo.” Mamãe ouvia calada, obediente demais até para dizer que sim, limitando-se a continuar sentada com suas mãos compridas entrelaçadas sobre a iridescência de mosca-varejeira do vestido que a velha havia escolhido para ela usar. Ela tinha mesmo uma cor muito saudável e bonita, minha mãe; nenhum de nós herdou essa cor nobre dela, nem o formato do nariz, com narinas recuadas que deixavam à mostra um pedacinho do septo. “Você não se mete. Se eles te fizerem alguma pergunta, você olha pro Augie assim.” E então a velha demonstrava como mamãe deveria se virar para mim, o que faria com absoluta perfeição, não fosse o fato de não conseguir se livrar da sua imponência habitual. Para mim, ela dizia: “Não diga nada. Apenas responda às perguntas”. Minha mãe ficava ansiosa para que eu me mostrasse digno e leal. Simon e eu éramos seus milagres ou acidentes; Georgie era sua única obra genuína, na qual ela voltara à sua sina depois de dois abençoados e imerecidos sucessos. “Augie, escuta a vovó. Presta atenção no que ela diz”, era tudo o que ela ouvia dizer enquanto a velha estava explicando seu plano.

“Quando perguntarem ‘Onde é que está o seu pai?’, você diz ‘Eu não sei não, moça’. Não importa quantos anos ela tenha, você não pode esquecer de dizer ‘moça’. Se ela quiser saber onde ele estava da última vez que você teve notícias dele, você diz que ele mandou uma ordem de pagamento uns dois anos atrás, de Buffalo, Nova York. Nunca diga uma palavra sobre a caridade. O dinheiro que vocês recebem da caridade é uma coisa que você não pode mencionar de jeito nenhum, está ouvindo? Nunca. Quando ela perguntar quanto vocês pagam de aluguel, você diz dezoito dólares. Quando ela perguntar de onde vem esse dinheiro, você diz que vocês alugam quartos para hóspedes. Quantos hóspedes? Dois. Agora diz para mim, quanto vocês pagam de aluguel?”

“Dezoito dólares.”

“E quantos hóspedes vocês têm?”

“Dois.”

“E quanto é que eles pagam?”

“Quanto é que eu devo dizer?”

“Oito dólares por semana.”

“Oito dólares.”

“Quem ganha sessenta e quatro dólares por mês não pode ir a um médico particular. Quando eu fui, só o colírio me custou cinco dólares, e o oculista me escaldou os olhos. E estes óculos”, ela deu um tapinha no estojo, “me custaram dez dólares a armação e quinze as lentes.”

Só em momentos assim, por necessidade, era que se mencionava meu pai. Eu dizia que lembrava dele; Simon dizia que eu não lembrava coisa nenhuma. E ele tinha razão. Eu gostava de imaginar que lembrava.

“Ele usava uniforme”, eu dizia. “Claro que eu lembro. Ele era soldado.”

“Soldado coisa nenhuma. Você não sabe de nada.”

“Talvez marinheiro.”

“Que marinheiro que nada. Ele era motorista, isso sim. Dirigia um caminhão para a lavanderia Hall Brothers, na Marshfield. *Eu* é que disse que ele usava uniforme. Macaco vê, macaco faz; macaco ouve, macaco diz.” Os macacos eram uma base importante do nosso pensamento. No aparador, em cima da passadeira do Turquestão, com seus olhos, boca e ouvidos tapados, tínhamos os três macacos sábios, não-veja-o-mal, não-fale-o-mal e não-ouça-o-mal, uma trindade inferior da casa. A vantagem dos deuses menores é que você pode invocar o nome deles como quiser. “Silêncio no tribunal, macaco quer falar. Fala, macaco, fala.” “O macaco e o bambu estavam brincando na grama...” Mesmo assim, os macacos podiam ser vigorosos (além de impressionantes) e profundos críticos sociais quando a velha, tal qual um grande lama — pois ela era oriental para mim, no fim das contas —, apontava para o trio marrom de macacos agachados, cujas bocas e narinas eram pintadas de vermelho sangue, e com profunda sagacidade, sua impiedade finalmente atingindo a grandeza, dizia: “Ninguém está pedindo que você ame o mundo inteiro, só que seja honesto, *ehrlich*. Não tenha língua comprida. Quanto mais você ama as pessoas, mais elas te enrolam. Crianças amam, pessoas respeitam. Respeito é melhor que amor. E respeito é isso, é o macaco do meio”. Nunca nos ocorreu que ela própria pecava ladinamente contra aquele aflito não-fale-o-mal que comprimia os lábios com as mãos; mas nenhuma crítica a ela passava nem de longe pela nossa cabeça em qualquer momento que fosse, muito menos quando a ressonância de um grande princípio enchia a cozinha inteira.

Ela costumava extrair lições para nós da cabeça do coitado do Georgie. Ele beijava a cadela, aquela que já fora uma belicosa criada pessoal da velha

e que agora era uma criatura ranheta e resfolegante a cochilar na almofada e digna de respeito pelos seus anos de atividade lúcida, mas não exatamente amável. Georgie, no entanto, a amava — e a vovó também, a quem beijava na manga, no joelho, segurando o braço ou o joelho com as duas mãos e botando o lábio inferior na frente, casto, desajeitado, carinhoso, meigo e cuidadoso quando curvava suas costas estreitas, a blusa toda empapuçada por cima delas, o cabelo esbranquiçado eriçado e basto feito um carrapicho ou um miolo de girassol depois que as sementes foram arrancadas. A velha deixava que ele a abraçasse e falava assim: “Ei, menino, *junge* esperto, você gosta da velha vovó, meu ministro, meu escudeiro? Isso é que é menino. Você sabe quem é bom pra você, quem te dá moela e pescoço de galinha? Quem é? Quem é que faz talharim pra você? É. Talharim é escorregadio, difícil de pegar com o garfo ou com os dedos. Você já viu como o passarinho puxa a minhoquinha da terra? A minhoquinha quer ficar na terra. A minhoquinha não quer sair. Agora chega, você está molhando o meu vestido”. E, então, ela empurrava bruscamente para longe a testa de Georgie, com sua mão velha e afetada, tendo dado a Simon e a mim, sempre zelosa de seu dever de nos abrir os olhos, mais uma lição sobre um mundo em que os crédulos, amorosos e simples vivem cercados pelos astuciosos e duros de coração, uma beligerante natureza de pássaros e minhocas, e uma desesperada humanidade sem sentimentos. Tudo isso exemplificado por Georgie. Mas o principal exemplo não era Georgie, e sim mamãe, em sua servidão nascida do amor, simplória, abandonada com três filhos para criar. Era esse o ponto a que a velha Lausch queria chegar, agora que, na sabedoria da sua vida madura, ela tinha uma segunda família a guiar.

E o que será que mamãe pensava quando, em alguma conexão necessária, meu pai era trazido à conversa? Ela permanecia sentada docilmente. Imagino que recordasse algum detalhe a respeito dele — uma comida de que ele gostava, talvez carne com batatas, talvez repolho ou peru recheado; talvez pensasse que ele não gostava de colarinho engomado, ou de colarinho mole; ou que ele costumava trazer para casa o *Evening American* ou o *Journal*. Ela imaginava essas coisas porque seus pensamentos eram sempre simples; mas ela sentia abandono; e dores mais profundas do que as dores mentais conscientes davam um traço sombrio à sua simplicidade. Não sei como ela se virava antes, quando nós quatro ficamos sozinhos depois da deserção, mas

vovó Lausch veio e impôs sua mão reguladora sobre a vida da família. Mamãe cedeu à velha poderes que talvez nem soubesse que tinha e recebeu sua punição em trabalhos servis; ocupava um lugar, imagino, entre mulheres conquistadas por uma força superior do amor, como aquelas mulheres de quem Zeus se aproveitava em forma animal e que depois tinham de se esconder de sua esposa furiosa. Não que eu consiga ver minha grande, doce, acabada e trabalhadeira mãe como uma beldade a fugir de uma tal ira clássica, nem tampouco nosso pai como um olimpiano de pernas de mármore. Ela fazia casas de botão numa fábrica de casacos num sótão da Wells Street e ele era motorista de lavanderia — não sobrou nem mesmo uma foto do meu pai na casa depois que ele se mandou. Mas ela tem, sim, um lugar entre essas mulheres pelo direito maior do pagamento contínuo. E quanto à vingança de uma mulher, vovó Lausch estava lá para administrar as penalidades de acordo com os padrões da legitimidade, representando o grupo hegemônico das mulheres casadas.

Ainda assim, a velha tinha coração. Não estou querendo dizer que não tivesse. Era tirânica e esnobe, vivia se gabando de sua vida de luxo em Odessa, de seus criados e governantas, mas, embora tivesse sido ela própria um sucesso, sabia o que era cair por suscetibilidade. Comecei a me dar conta disso quando, mais tarde, li alguns dos romances que ela costumava mandar que eu fosse buscar na biblioteca. Chegou a me ensinar o alfabeto russo para que eu pudesse decifrar os títulos. Uma vez por ano, lia *Anna Karenina* e *Eugene Onegin*. De vez em quando eu ficava em maus lençóis por trazer um livro que ela não queria. “Quantas vezes eu tenho que dizer a você que, se não estiver escrito *roman*, eu não quero? Você não olhou dentro do livro. Por acaso os seus dedos estão fracos demais pra abrir um livro? Então eles também devem estar fracos demais pra jogar bola ou limpar o nariz. Pra isso você tem força! *Bozhe moy!* Deus do céu! Você deve ter um cérebro de barata pra andar três quilômetros e me trazer um livro de religião só porque diz Tolstói na capa.”

Não quero fazer um retrato deturpado da velha *grande dame*. Ela tinha receio do que talvez fosse, por um deslize da hereditariedade, um defeito de família pelo qual poderíamos ser explorados. Não queria ler o que Tolstói tinha a dizer sobre religião. Não confiava nele como homem de família por causa dos maus bocados que ele fizera a condessa passar. Mas, embora nunca fosse à sinagoga, comesse pão no Pessach, mandasse às vezes mamãe comprar

carne de porco porque era mais barata, adorasse lagosta enlatada e outras comidas proibidas, ela não era uma ateia nem uma livre-pensadora. Isso cabia ao sr. Anticol, o velho trapeiro que ela chamava (não me pergunte por quê) de “Ramsés” — talvez em referência à cidade que é citada junto com Pitom nas Escrituras; vai saber de onde ela tirava suas inspirações. Ele, sim, era um verdadeiro rebelde contra Deus. Fria e ressabiada, ela ouvia o que o sr. Anticol tinha a dizer e não se declarava. Ele era vermelho feito camarão, e soturno; usava uma boina de sarja grossa que deixava sua cabeça chata, e os gritos que dava pelas vielas para pedir trapos e ferro-velho — “trapos e trecos”, era seu pregão — deixavam sua voz áspera e rouca. Tinha cabelo duro, sobrancelhas hirsutas e olhos castanhos desdenhosos; era um velho estudioso, desmazelado e carnudo. Vovó comprou dele uma coleção da *Encyclopedia Americana* — edição de 1892, acho — e cuidou para que Simon e eu a lêssemos; e ele também, sempre que nos via, perguntava: “E a enciclopédia?”, acreditando, imagino, que ela ensinasse irreverência à religião. O que o transformou num ateu foi um massacre de judeus na sua cidade. Do porão onde estava escondido, ele viu um trabalhador mijando no corpo do irmão mais novo da sua mulher, que tinha acabado de ser assassinado. “Então não venha me falar de Deus”, ele dizia. Mas era ele que falava de Deus o tempo todo. E, embora a sra. Anticol tivesse continuado religiosa, a ideia que ele tinha de grande apostasia era ir até a sinagoga dos judeus reformistas nos feriados importantes e estacionar seu pangaré de olhos vermelhos entre os carros de passeio luxuosos e potentes dos judeus ricos, que descobriam a cabeça lá dentro como se estivessem num teatro, um tipo de degradação neles que foi motivo de amarga diversão para ele até o fim da sua vida. Ele pegou uma gripe na chuva e morreu de pneumonia.

Vovó, por sua vez, acendia uma vela no aniversário da morte do sr. Lausch, jogava uma bolinha de massa no carvão como uma espécie de oferenda quando estava assando alguma coisa, tinha rezas para dentes de leite e simpatias contra mau-olhado. Era religião de cozinha e nada tinha a ver com o gigantesco Deus da Criação que abriu as águas e explodiu Gomorra, mas mesmo assim estava no campo da religião. E, enquanto estamos falando nisso, aproveito para mencionar os polacos — éramos apenas um punhado de judeus no meio deles na nossa vizinhança — e os corações intumescidos e sangrentos nas paredes de tudo quanto era cozinha, as imagens de santos, os

cestos de flores fúnebres amarrados à porta, comunhões, Páscoas e Natais. E às vezes éramos caçados, apedrejados, mordidos e surrados como assassinos de Cristo, todos nós, até mesmo Georgie, fadados, gostando ou não, a esse misterioso ofício. Mas eu nunca tive nenhuma grande mágoa por causa disso, nem era de ficar remoendo rancor, sendo de maneira geral esportivo e bem-humorado demais para levar a mal esse tipo de coisa, e encarava o fato como algo que, tal como as guerras de pedra e pau das gangues de rua ou o ajuntamento de arruaceiros do bairro numa noite de outono para arrancar cercas, berrar e guinchar para as moças que passavam e surrar estranhos, não precisasse de nenhuma explicação especial. Não era do meu feitio ficar me esfalfando de preocupação por ter nascido para esse trabalho oculto, muito embora às vezes acontecesse de alguns dos meus amigos ou dos meninos com quem eu brincava aparecerem no meio dessas turbas para me encurralar numa viela entre uma casa e outra, bloqueando os dois lados da passagem. Simon dava menos trela para os garotos da vizinhança do que eu. A escola o absorvia mais e, de qualquer forma, ele tinha seus ideais, um extrato misto de Natty Bumppo, Quentin Durward, Tom Brown, Clark em Kaskaskia, do mensageiro que trouxe a boa notícia de Ratisbona e de outros que tais, que faziam com que ele ficasse mais no seu canto. Já eu não chegava a estudar esses modelos com tanto afino quanto Simon, da mesma forma que ele nunca conseguiu me fazer passar horas me exercitando no seu aparelho de musculação Sandow nem na engenhoca para desenvolver os tendões do pulso. Eu fazia amizades fácil, que a maior parte das vezes também acabavam fácil em prol de lealdades mais antigas. Quem foi meu chapa por mais tempo foi Stashu Kopecs, cuja mãe era parteira diplomada pela Aesculapian School of Midwifery, na Milwaukee Avenue. Prósperos, os Kopecs tinham uma pianola elétrica em casa e tapetes de linóleo em todos os cômodos, mas Stashu era um ladrão e, para andar com ele, eu roubava também: carvão dos carros, roupas dos varais, bolas de borracha do magazine e moedas das bancas de jornal. Roubávamos principalmente pela satisfação da destreza, embora Stashu tenha inventado a brincadeira de ir para o porão tirar a roupa e vestir coisas de menina surrupiadas dos varais. Até que um dia ele também apareceu no meio de um bando que me pegou numa tarde fria de muito pouca neve, quando eu estava sentado num engradado que tinha ficado preso na lama congelada, comendo biscoito *wafers*, com a goela cheia de farelo doce. Na frente do

bando estava um garoto com jeito de delinquente, acho que de seus treze anos, mas pequeno para a idade, durão e com cara de ofendido. Ele veio para me acusar, e o grandalhão do Moonya Staplanski, que tinha acabado de sair do reformatório St. Charles e estava prestes a ir para o de Pontiac, veio junto para dar cobertura.

“Seu judeuzinho nojento, você bateu no meu irmão”, disse Moonya.

“Eu? Eu não. Eu nunca nem vi o seu irmão na vida.”

“Você roubou uma moeda dele. Se não, como é que você comprou esse biscoito aí então, hein?”

“Eu trouxe da minha casa.”

Então, vi Stashu no meio deles, cabeça-oca e zombeteiro, feliz de doer com sua traição e com sua recém-revelada camaradagem com os outros garotos, e falei: “Ei, Stashu, seu bunda-suja de uma figa, você sabe muito bem que o Moon não tem irmão nenhum”.

Nessa hora, o garoto me deu um soco e o bando partiu para cima de mim, Stashu junto com o resto, arrancando as fivelas do meu casaco de pele de carneiro e me deixando de nariz ensanguentado.

“De quem é a culpa?”, perguntou vovó Lausch quando voltei para casa. “Você sabe de quem é? Sua, Augie, por causa da sua ideia de jerico de andar com aquele bestalhão do filho da *accoucherka*. Por acaso o Simon anda com eles? Não, o Simon não. Ele tem juízo demais pra isso.” Eu dei graças a Deus que ela não sabia dos roubos. E de certa forma, dado seu temperamento disciplinador, desconfio que ela tenha ficado contente por eu ter levado aquela lição, para aprender no que dava você entregar seu afeto fácil demais. Já mãe, o principal exemplo dessa fraqueza, ficou horrorizada. Durante o sermão, ela não se atreveu a manifestar seus sentimentos contra a autoridade da velha, mas, quando me levou à cozinha para botar uma compressa em mim, ela ficou examinando cuidadosamente minhas feridas com seus olhos míopes, sussurrando e suspirando, enquanto Georgie coxeava atrás dela, comprimido e branco, e Winnie tomava água debaixo da pia.